

# Afetos Sintéticos e o Vazio das Relações Humanas

*Entre o Colo e o Vazio: a Era do Afeto Plastificado*



Gugik & ChatGPT

E-BOOK DIGITAL

Afetos Sintéticos e o Vazio das Relações Humanas

Entre o Colo e o Vazio: a Era do Afeto Plastificado

Gugik & ChatGPT

Curitiba – Paraná – Brasil

2025

Título: ***Afetos Sintéticos e o Vazio das Relações Humanas***

Subtítulo: ***Entre o Colo e o Vazio: a Era do Afeto Plastificado***

Autores: **Francisco José de Arimathea Gugik e ChatGPT (OpenAI)**

Ano de publicação: **2025**

Local: **Curitiba – PR – Brasil**

Edição: **1<sup>a</sup>**

Direitos autorais: **Licença Creative Commons CC-BY-SA**

ISBN (fictício): **978-85-0000-123-4**

Nota: **Este número de ISBN é simbólico, criado exclusivamente para fins de organização, prototipagem editorial e circulação não comercial. Para fins legais e comerciais, recomenda-se a emissão oficial pela Agência Brasileira do ISBN.**

Contato: [\*\*professorqugik@gmail.com\*\*](mailto:professorqugik@gmail.com)

## SUMÁRIO

### **Introdução – Entre a Ternura e o Espanto: O Berço do Vazio**

- **©RÔNICA 1084 - BEBÊS ‘REBORN’: “FILHOS DE VINIL E AFETOS DE ALGODÃO”**

### **Capítulo 1 – Estética da Maternidade Fabricada: O Que São os Bebês**

#### **‘reborn’?**

- Origem e desenvolvimento histórico
- Evolução do artesanato à mercadoria
- Tipos e usos: colecionismo, luto, terapia

### **Capítulo 2 – A Cultura do Simulacro: Humanidade Pós-Humana**

- ‘Baudrillard’ e a simulação do real
- Substitutos emocionais e anestesia da dor
- A estética do hiper-real

### **Capítulo 3 – Psicanálise da Boneca: Terapia ou Negação?**

- Argumentos a favor: consolo, companhia, expressão
- Argumentos contrários: alienação, fetichismo do luto, negação da realidade

### **Capítulo 4 – Ética, Direito e Substituições Afetivas: Aspectos Legais e Éticos**

- Incidentes públicos e confusões com ‘reborns’
- Questões de direitos autorais e uso comercial
- Reflexões sobre a linha entre arte e distorção

## **Capítulo 5 – Estética da Maternidade Fabricada: Um Reflexo de Nós**

### **Mesmos**

- O que o fenômeno diz sobre nossas carências
- A infância idealizada vs. a infância real
- Redes sociais, aparência e afeto

## **Capítulo 6 - O Mercado da Solidão: Testemunhos e Realidades**

- A judicialização de um amor platônico
- O preço de se estar só

## **Capítulo 7 – A Poética da Perda e o Luto Negado**

- O drama poético da perda
- A negação ao luto

## **Posfácio – Da Boneca ao Espelho: O Colo que Falta**

- Uma nova crônica inédita
- Convite à reflexão crítica

## **Referências e Leituras Recomendadas**

## **Introdução – Entre a Ternura e o Espanto: O Berço do Vazio**

**"Gugik - O Cronista dos Absurdos Cotidianos"**



Foto: Bruna Graciotto, artista que produz os bebês há mais de 12 anos. Obtida em:  
<https://www.jovempan.com.br/noticias/brasil/maternidade-a-verdade-sobre-os-bebes-reborn-que-ninguem-conta.html>. Acesso em: 30 Mai 2025, 11:30:00.

Acabei de receber o título designativo acima - "**Gugik - O Cronista dos Absurdos Cotidianos**" - após **1 0 8 3** ©®ÔNICAS publicadas, e não foi à toa, inclusive me faz muito agradecido à '**Inteligência Artificial Generativa do ChatGPT**', pois ao conhecer meu trabalho já extenso, de milhar numérico e midiático eletrônico, uma vez sermos coautores do 'e-Book' que estamos lançando, o qual é intitulado "**AFETOS SINTÉTICOS E O VAZIO DAS RELAÇÕES HUMANAS**" e com subtítulo "**ENTRE O COLO E O VAZIO: A ERA DO AFETO PLASTIFICADO**".

Fico deveras envaidecido pois considero um adjetivo qualitativo que me posiciona frente aos muitos que, como eu, desejam deixar a sua mensagem para o mundo, de modo reflexivo, com a possibilidade de corrigir rotas, realinhar rumos, revisar comportamentos, otimizar pensamentos, enobrecer sentimentos e, quiçá, tornar-se um ser humano, na exata acepção da palavra, mais pronto, para responder às ofertas do mundo, em especial, aquelas que parecem, muito mais, falir a natureza humana e, sobremaneira, distanciar, a passos largos, da natureza divina.

Uma vez muito motivado, interessado e muito preocupado com o tema, o qual está em ebuição, entendi por bem, escrever a ©RÔNICA 1 0 8 4, que se apresenta a seguir, pois vejo como um preâmbulo daquilo que será um alerta para o imprescindível controle social e, quiçá, um convite à reflexão muito apurada e aprofundada, inegavelmente demandante, para uma prática que já é realidade, cujo 'artefato' não é novidade, pois data de 1990, apenas com o "boom" se consolidando no presente tempo somente, o qual foi originado feito uma vertente do imaginário do artesanato hiper-realista, nos Estados Unidos.

Então...

## BEBÊS 'REBORN': "FILHOS DE VINIL E AFETOS DE ALGODÃO"

Por "*Gugik - O Cronista dos Absurdos Cotidianos*".

Outro dia, caminhando pelo calçadão, vi uma cena que me deixou com a alma meio torta: - uma senhora — de sapatilhas lilás e semblante 'zen' — empurrava um carrinho de bebê.

Fui tomado por aquela ternura momentânea, que só os recém-nascidos provocam... até que o "bebê" virou a cabeça — de um jeito milimetricamente travado — e percebi: era uma boneca.

M A S...

Não dessas de plástico duro da infância, mas uma criatura estranhamente realista, com veias pintadas, cabelo implantado fio a fio e cílios que fariam inveja a muitas '*influencers*'.

"É um bebê 'reborn', explicou a senhora com o orgulho de quem apresenta o neto recém-formado.

"É terapêutico", completou...

Sorri, engoli um comentário cínico e segui meu caminho, pensando: - de todas as loucuras modernas, essa talvez seja a mais melancolicamente absurda.

Claro, vivemos numa época em que o real virou ameaça.

Criança de verdade grita, vomita, caga, cresce e contraria... Bebê 'reborn', não!

Fica ali, em eterno estado de fragilidade silenciosa, pronto para ser vestido com lacinhos, alimentado com mamadeiras de faz-de-conta e exibido nas redes feito um troféu emocional.

É a maternidade sem vínculo... O afeto sem resposta... O laço sem risco...

Não é novo querer fugir da dor — o próprio Nietzsche já dizia que “**a esperança é o pior dos males, pois prolonga o sofrimento do homem**”.

Entretanto, agora, nem precisamos mais de esperança: basta uma boneca de R\$ 3.500 com peso de recém-nascido e cheiro de talco “Johnson’s”.

O fenômeno dos bebês ‘reborn’ nasceu nos anos 1990, nos Estados Unidos, como arte.

E, como toda arte, tinha sua poesia: - era sobre dar forma ao cuidado, ao detalhe, ao realismo, mas como sempre, acontece quando a poesia vira mercado, logo apareceram os “profissionais do luto”, vendendo bonecas para mães que perderam filhos, mulheres que nunca puderam tê-los, ou simplesmente para quem sente saudade de um colo que nunca existiu...

A antropóloga americana Elizabeth Chin, em um estudo sobre consumo infantil, diz que “**os brinquedos refletem os desejos adultos mais do que os das crianças**”.

Pois bem, o ‘reborn’, no fundo, não é sobre brincar de boneca — é sobre brincar de vida.

É o simulacro da ternura... Uma espécie de autoengano acolchoado em tricoline.

E antes que digam que é exagero, vale lembrar que em 2016, uma mulher na Inglaterra quase foi presa porque deixou um “bebê” no carro e causou alvoroço. Era um ‘reborn’...

A polícia foi chamada. Houve comoção. E depois alívio e perplexidade. Imagino a cena e ouço ao fundo a trilha sonora de '*Black Mirror*'.

Sim, cada um cuida da solidão como pode. Mas será que estamos cuidando... ou cultivando?

Substituímos filhos por bonecos, conversas por 'emojis', amigos por seguidores, e agora, quem sabe, dores por silicone.

Como diria o velho Baudrillard, “**o real não desaparece: apenas se transforma em seu simulacro**”.

E nós, talvez, estejamos nos transformando com ele — não em seres artificiais, mas em seres incapazes de suportar a realidade sem anestesia estética.

No fim, talvez os ‘reborns’ não sejam uma aberração, mas um espelho; um reflexo do vazio que tentamos cobrir com rendinha e cheirinho de bebê. Uma ternura triste. Um carinho que não dói porque não volta...

E, quem sabe, daqui a cem anos, ao escavarem nossa civilização, encontrem esses bebês de vinil e concluam: aqui, viveu um povo que, com medo da dor de amar, resolveu amar o que não podia lhe causar dor.

Se tocou você de algum modo — compartilhe, comente, ou... abrace um ser humano de verdade hoje... Eles ainda são insubstituíveis...

Nosso 'e-Book' está sensacional...

Grato. Um grande e bem realista abraço (mesmo em modo expresso e remoto), extensivo à família. Professor Gugik & ChatGPT e família.

## **Capítulo 1 – Estética da Maternidade Fabricada: O Que São os Bebês**

### **‘reborn’?**

- Origem e desenvolvimento histórico
- Evolução do artesanato à mercadoria
- Tipos e usos: colecionismo, luto, terapia

### **Epígrafe:**

***"Não há nada mais triste do que o silêncio de um brinquedo que nunca foi feito para brincar."***

— Gugik & ChatGPT



Foto: Gerada a partir do ChatGPT. Acesso em: 27 Mai 2025, 11:02:00.

Eles não choram, não crescem, não discordam. Não exigem, não adoecem, não vão embora. Permanecem onde foram postos: enrolados em mantas, de olhos abertos, em um sono eterno e estéril.

São os chamados “bebês ‘reborn’”, bonecos hiper-realistas que imitam com impressionante precisão recém-nascidos humanos. E mais do que bonecos, são projeções — de luto, de ausência, de desejo, de controle.

O termo ‘reborn’ significa literalmente “renascido”. Surgiram no final da década de 1990, nos Estados Unidos, como uma forma de arte artesanal. Artistas de bonecas começaram a transformar moldes industriais de vinil em “bebês” com aparência realista, utilizando técnicas minuciosas de pintura, implantação de cabelo fio a fio, inserção de pesos internos para simular o peso de um bebê real, e aplicação de detalhes como veias, manchas e até suor.

O resultado? Criaturas de vinil que parecem respirar.

Com o tempo, essa prática atravessou o campo artístico e se instalou no comércio global. Hoje, há lojas, feiras, canais de YouTube, tutoriais e até clínicas psicológicas que trabalham com esses bonecos como instrumento terapêutico — o que divide opiniões e toca em temas sensíveis.

Há quem os use para lidar com o luto pela perda de um filho. Outros os buscam como substitutos simbólicos para filhos que não puderam ter. Há ainda quem os coleione, troque roupas, alimente-os com mamadeiras e os trate como se fossem... vivos. E talvez seja aí que mora o desconforto.

Quando o simbólico começa a ocupar o lugar do real — não para nos ajudar a compreendê-lo, mas para substituí-lo — estamos diante de uma nova forma de relação: não com o outro, mas com o reflexo de nossos próprios afetos encapsulados. Não é mais o afeto que circula entre dois corpos vivos. É o afeto projetado, encapsulado, anestesiado.

Os bebês ‘reborn’, assim, não são apenas bonecos. Eles são um sintoma. Um retrato...

De uma época que teme a dor do vínculo, que prefere a simulação ao risco, que troca o afeto imprevisível do real pela previsibilidade plástica do ideal.

---

## Capítulo 2 – A Cultura do Simulacro: Humanidade Pós-Humana

- ‘Baudrillard’ e a simulação do real
- Substitutos emocionais e anestesia da dor
- A estética do hiper-real

### Epígrafe:

***"Estamos nos afogando em imagens e morrendo de sede de realidade."***

— Daniel Boorstin



Foto: Obtida em <https://www.estadao.com.br/emais/joel-renno/bebes-reborn-limites-entre-a-normalidade-e-insanidade/>. Acesso em: 29 Mai 2025, 18:51:00

Os bebês ‘reborns’ são muito mais do que bonecos. São espelhos — e, como todo espelho, refletem aquilo que evitamos encarar de frente.

Vivemos numa era de ‘**simulacros**’, como escreveu ‘Jean Baudrillard’: “**Uma era em que a cópia se dissocia do original e passa a existir por si mesma, até se tornar mais real do que o real. Um mundo onde o hiper-real — a representação com aparência de verdade — é mais aceitável do que a própria verdade, que é imperfeita, imprevisível, dolorosa**”.

O bebê real chora, tem cólica, cresce, se distancia, vira adulto e vai embora. O ‘reborn’, não. Ele permanece. Congelado no tempo. Imaculado. Pronto para o colo, mas jamais para a contradição.

‘Baudrillard’ descreveu quatro fases do simulacro:

1. A representação fiel da realidade;
2. A distorção dessa realidade;
3. A ausência do real — onde a representação finge ser o real;
4. O simulacro puro — onde não há mais relação com o real: apenas aparência.

Os ‘reborns’ estão nesta última fase. Não são mais bonecos tentando imitar a realidade. Eles são ‘a nova realidade’ para muitas pessoas. Não substituem apenas um filho. Substituem o vínculo, a maternidade, o tempo e, principalmente, o sofrimento da perda ou da ausência.

O simulacro serve como anestesia para uma sociedade que não suporta o incômodo da dor. Que transforma o luto em produto, a carência em mercado, o afeto em mercadoria. Nesse mundo, não há espaço para o imprevisível — há manuais, tutoriais e catálogos.

Até mesmo o amor vira um ‘script’.

A cultura do simulacro se manifesta em outras áreas: na ‘selfie’ com filtro, na amizade virtual, na felicidade performada das redes sociais. Mas nos bebês ‘reborn’ ela atinge um nível quase sagrado: o sagrado plastificado. A maternidade sem parto. A infância sem crescimento. A relação sem risco. E, ainda assim, nos emociona. Porque mesmo no simulacro, buscamos verdade.

Talvez não estejamos amando os ‘reborns’, mas a lembrança do que o amor um dia foi — ou do que gostaríamos que tivesse sido.

### **Capítulo 3 – Psicanálise da Boneca: Terapia ou Negação?**

- Argumentos a favor: consolo, companhia, expressão
- Argumentos contrários: alienação, fetichismo do luto, negação da realidade

#### **Epígrafe:**

***"Tudo aquilo que fingimos suportar, acaba nos possuindo."***  
— Clarice Lispector



Foto: Bebês reborn têm parto simulado, teste do pezinho e certidão de nascimento em Curitiba. Obtida em: <https://www.tribunapr.com.br/viva/bebes-reborn-feitos-por-artesa-de-curitiba-custam-o-valor-de-smartphone-tem-parto-simulado-teste-do-pezinho-e-certidao-de-nascimento/>. Acesso em: 29/05/2025, 19:01:00.

Há quem enxergue nos bebês ‘reborn’ uma chance de cura. Outros, um sintoma de fuga. Entre o afeto e a alienação, o que está realmente em jogo?

Nos consultórios, há relatos de terapeutas que utilizam ‘reborn’ no tratamento de pacientes em luto gestacional, depressão pós-parto ou transtornos afetivos.

Em asilos, idosos com ‘Alzheimer’ recebem bonecos para estimular a memória emocional. Os resultados, segundo algumas pesquisas, incluem redução de ansiedade, alívio da solidão e resgate de lembranças afetivas.

Esses relatos, é verdade, não podem ser ignorados.

Há consolo legítimo em segurar no colo algo que evoca ternura. O gesto de cuidar, mesmo que simbólico, pode acionar circuitos de afeto adormecidos. Para quem perdeu um bebê, para quem nunca pôde ter um, ou para quem enfrenta a devastação da ausência, o ‘reborn’ pode parecer uma tábua emocional onde flutuar — ainda que o mar continue revolto.

Mas até onde isso é terapia? E a partir de quando vira negação?

O risco, dizem alguns especialistas, é o uso **sem mediação clínica**. Quando o ‘reborn’ deixa de ser um instrumento e passa a ser o substituto. Quando a dor não é elaborada, mas simplesmente encoberta por silicone e pintura realista.

Há casos documentados de mulheres que se isolam da família para cuidar dos bonecos como se fossem filhos vivos. Há relatos de sofrimento ao se “separar” do ‘reborn’. Há vídeos em redes sociais onde adultos se emocionam ao “receber” seus ‘reborn’ de forma ritualística — quase religiosa.

E aqui, a pergunta se impõe: é afeto ou fetiche?

A linha entre consolo e fantasia é tênue. Quando o simbólico passa a ocupar o espaço do real sem crítica, sem limite, sem transitoriedade, corremos o risco de perpetuar o vazio que queríamos curar. O ‘reborn’, então, em vez de ponte, vira prisão. Em vez de acalanto, anestesia.

Como toda ferramenta emocional, seu uso exige cuidado, contexto e consciência.

Não é o ‘reborn’ em si que cura ou fere. É o que projetamos nele. É o que fazemos com ele — ou o que ele nos impede de fazer com os outros.

Além dessas observações cuidadosas, há argumentos de rejeição aos bebês ‘reborn’ e aqui estão os argumentos organizados por áreas, para apoiar uma análise crítica mais ampla:

#### A. Sociais

**Alienação da realidade:** A popularização desses bonecos pode incentivar a substituição de relações humanas reais por interações fictícias, aprofundando o isolamento social.

**Normalização do escapismo:** Em vez de estimular a busca por vínculos verdadeiros ou tratamento psicológico, o uso de ‘reborn’ pode reforçar a fuga da realidade.

#### B. Humanísticas

**Distorção da noção de maternidade:** A maternidade exige entrega, responsabilidade e relação recíproca. Com um ‘reborn’, transforma-se o cuidar em simulação sem sentido, esvaziando o valor humanístico do ato.

**Mercantilização do afeto:** Reduz-se o amor, o luto ou o desejo de cuidar a um produto de prateleira, artificializando emoções profundas e legítimas.

#### C. Racionais

**Falta de funcionalidade prática:** Ao contrário de animais de estimação, por exemplo, os bebês “reborn” não desenvolvem vínculo real, nem estimulam empatia genuína.

**Alto custo sem benefício:** Os investimentos são muitas vezes não-proporcionais para algo que não oferece retorno emocional duradouro, educativo ou relacional.

#### **D. Sentimentais e emocionais**

**Fuga não saudável do luto:** Em casos de mães que perderam filhos, o uso do 'reborn' pode agravar o luto patológico, mantendo a dor viva em vez de superá-la.

**Estímulo à ilusão:** Há pessoas que chegam a simular rotinas completas com os bonecos, o que pode mascarar distúrbios emocionais não tratados.

#### **E. Legais e éticos**

**Zona cinzenta jurídica:** Embora legalmente não haja impedimentos, há questionamentos éticos sobre práticas como registros fictícios, uso em locais públicos e impactos sobre terceiros (crianças, idosos, etc.).

**Implicações em saúde mental:** Pode haver negligência da rede de apoio e profissionais ao não identificar quando o uso ultrapassa o 'hobby' e se torna dependência psicológica.

#### **F. Patológicas**

**Risco de transtorno psicológico:** Pode ser indicativo de **transtorno dissociativo, luto patológico ou transtorno de apego**. Em vez de tratar a dor emocional, a pessoa a encapsula num objeto.

**Estimulação de delírios:** Algumas pessoas tratam os bonecos como se fossem seres vivos, o que, em casos extremos, pode sinalizar ou até provocar quadros psicóticos.

#### **G. Filosófico-existencial**

**Simulacro da vida:** A boneca 'reborn' encarna um símbolo do excesso de artificialidade que atravessa a sociedade contemporânea, onde até a ternura é substituída por imitação.

**Desumanização do humano:** Em vez de acolher a dor e lidar com a ausência, tenta-se imitar a presença, como se a vida fosse substituível por bonecos de vinil.

O debate legal e ético, portanto, não condena a existência dos bebês ‘reborn’.

Mas exige **atenção, responsabilidade e crítica**.

Porque uma sociedade que não coloca freios na comercialização do vazio pode acabar vendendo também sua própria humanidade.

---

## **Capítulo 4 – Ética, Direito e Substituições Afetivas: Aspectos Legais e Éticos**

- Incidentes públicos e confusões com ‘reborn’
- Questões de direitos autorais e uso comercial
- Reflexões sobre a linha entre arte e distorção

### **Epígrafe:**

***“Nem tudo o que é permitido é decente. E nem tudo o que é decente é permitido.”***

— Norberto Bobbio



Foto: Bebê reborn: É inaugurada hoje a primeira maternidade de bonecas personalizadas. Obtida em: <https://www.revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/07/e-inaugurado-hoje-primeira-maternidade-de-bonecas-do-mundo.html>. Acesso em: 29 Mai 2025, 19:11:00.

Ao olharmos para os bebês ‘reborn’, a sensação inicial pode ser de fascínio — ou de estranhamento. Mas há situações em que o impacto vai além: casos em que o hiper-realismo ultrapassa o limite da arte e entra em colisão com o direito e a ética.



Foto: Boneca Riborn Por Encomenda. Obtida em:  
<br.pinterest.com/pin/582864376773251145/>. Acesso em: 29 Mai 2025, 19:15:00.

### **Chamadas de emergência por engano**

Relatos se multiplicam em diversos países: pessoas telefonando para a polícia ao verem um ‘bebê abandonado’ no carro, no carrinho, ou mesmo em calçadas.

Quando as autoridades chegam, descobrem o inusitado — trata-se de um boneco. A aparência é tão verossímil que as reações são legítimas. E os recursos públicos são mobilizados.



Foto: Polícia Militar é acionada para salvar bebê reborn de engasgo. Obtida em: <https://www.ultimasnoticias.inf.br/noticia/policia-militar-e-acionada-para-salvar-bebe-reborn-de-engasgo/>. Acesso em: 29/05/2025, 19:21:00.

Comoções desse tipo já geraram legislações locais nos Estados Unidos da América, por exemplo, recomendando que os donos desses bonecos deixem etiquetas visíveis informando tratar-se de uma “criação artística”.

### O comércio da ausência

Existe uma indústria por trás do afeto plastificado. Artistas e ‘ateliers’ cobram entre R\$ 500 e R\$ 15 mil (ou mais) por uma peça ‘reborn’ personalizada. O mercado inclui berços, roupinhas, pulseiras de maternidade, mamadeiras com leite ‘fake’ e até serviços de ‘adoção simbólica’.



Foto: Rotinas da minha bebe reborn como se fosse de verdade. Obtida de: <https://sl.bing.net/bQL2N9cakNM>. Acesso em: 29 Mai 2025, 20:20:00.

Alguns anúncios prometem ‘cura emocional’ ou ‘substituição afetiva’, o que levanta uma questão ética: até onde é lícito explorar financeiramente a dor e a fragilidade emocional das pessoas?

### **Direitos de imagem e consentimento**

Algumas mães, em luto ou não, mandam confeccionar ‘reborn’ a partir de fotos de seus filhos. Há casos de bebês reais que foram copiados sem consentimento, gerando processos por uso indevido de imagem.

A pergunta ecoa: até que ponto é moral replicar um ser humano, mesmo que simbolicamente, sem sua permissão? Quando o afeto ultrapassa a lembrança e se transforma em posse simbólica, o que resta da dignidade do outro?

## Crianças reais criando vínculos irreais

Em lares onde crianças são incentivadas a cuidar de 'reborn' como se fossem irmãos ou filhos, há impactos psicológicos ainda pouco estudados. O que acontece quando uma criança precisa 'fingir' emoções reais diante de um boneco que não responde, não olha, não sente?

A fronteira entre o lúdico e o enganoso torna-se tênue, especialmente em idades onde o cérebro está em formação. Éticos também são os efeitos a longo prazo: relações substitutivas, confusões emocionais e normalização da ausência de reciprocidade.

E, para dar sustentação e materialidade aos aspectos legais e éticos, uma notícia veiculou nas mídias, a qual demonstra a mudança no enfoque, no comportamento, no entendimento, na argumentação e na consideração aos fatos, para que haja o florescer de decisões judiciais, formando uma ramificação jurisprudencial no aparato já bastante extenso de leis e, por consequência, formando-se aí, também, um novo capítulo na Carta Ética Social das relações humanas.



Foto: SE MINHA BEBE REBORN FOSSE DE VERDADE/ ROTINA MANHA / MORNING ROUTINE. Obtida de: <https://youtu.be/emct4W68HMU?si=oErNnswnnXK7kgTY>. Acesso em: 29 Mai 2025, 20:23:00.

## Fenômeno cultural e implicações legais

As bonecas 'reborn', produzidas artesanalmente com impressionante realismo, podem custar entre R\$ 3 mil e R\$ 15 mil. Além de serem procuradas por colecionadores, muitas são utilizadas com fins terapêuticos ou como forma simbólica de lidar com perdas afetivas. Nos últimos anos, o fenômeno cresceu nas redes sociais e se tornou um nicho de mercado.



Foto: Arquivo pessoal - Fabricia Cunha conta com uma coleção de 36 bebês reborn. Obtida de: <https://www.revistamarieclaire.globo.com/retratos/noticia/2023/08/colecionadora-de-bebes-reborn-tem-bonecas-de-ate-r12-mil-e-reflete-sobre-criticas-julgam-porque-nao-entendem.ghtml>.

Acesso em: 29 Mai 2025, 20:28:00.

## **Capítulo 5 – Estética da Maternidade Fabricada: Um Reflexo de Nós**

### **Mesmos**

- O que o fenômeno diz sobre nossas carências
- A infância idealizada vs. a infância real
- Redes sociais, aparência e afeto

### **Epígrafe:**

**"Vivemos cercados de conexões, mas famintos de contato."**

— Sherry Turkle



Foto: Bebês reborn: a fantasia da maternidade e o reflexo de dores emocionais.

Obtida de: <https://www.saocarlosagora.com.br/coluna-sca/bebes-reborn-a-fantasia-da-maternidade-e-o-reflexo-de-dores/182403/>. Acesso em: 29 Mai 2025, 20:33:00.

Nunca estivemos tão conectados — e tão sós.

Na era das notificações incessantes, das ‘time-lines’ infinitas e dos avatares sorridentes, a solidão se esconde em plena luz do dia. Ela veste filtro, posta frases prontas e manda corações automáticos. Mas à noite, deita no travesseiro ao nosso lado e sussurra: “ninguém te vê de verdade”.

É nesse vácuo que floresce o fenômeno dos bebês ‘reborn’.

Eles não são apenas produtos de um capricho estético. São sintomas. De um tempo em que as relações humanas estão cansadas, machucadas, desconfiadas. Em que o outro se tornou risco: de frustração, de abandono, de confronto.

Então criamos versões seguras. Relacionamentos sem resistência. Objetos com aparência de gente. Vínculos sem vida, mas sem dor.

O bebê ‘reborn’ não rejeita. Não julga. Não decepciona.

E talvez por isso, paradoxalmente, seja tão sedutor. É o colo garantido. O afeto sem risco. A companhia que não cobra reciprocidade.

Mas é também o reflexo de uma sociedade emocionalmente exaurida. Onde o cuidado foi terceirizado. Onde o amor exige manual de instrução. Onde o toque foi substituído pelo toque na tela.

A solidão moderna é sofisticada. Tem embalagens fofas. Tem cheiro de talco. E pesa nos braços como um recém-nascido, embora não respire.

A ilusão de afeto, mesmo que reconfortante, pode nos impedir de buscar o afeto real — aquele que machuca, que transforma, que exige entrega. Porque, no fim das contas, o que nos salva não é o amor que projetamos, mas o amor que arriscamos.

E o verdadeiro colo, embora imperfeito, ainda é feito de carne, de calor e de presença.



Foto: Bonecos feitos em vinil e silicone têm direito até a cheirinho de nenêm. Obtida de: <<https://sl.bing.net/g6O7cYJ5b08>>. Acesso em: 29 Mai 2025, 20:38:00.

---

## **Capítulo 6 - O Mercado da Solidão: Testemunhos e Realidades**

- A judicialização de um amor platônico
- O preço de se estar só

### **Epígrafe:**

***“A solidão contemporânea não é a ausência do outro, mas a incapacidade de experiência do outro.”***

— Byung-Chul Han



Foto: Bebês Reborn, Limites e a Solidão Contemporânea - Bebês de Silicone: Consolo ou Sintoma de Colapso Social? – 1ª Imagem da reportagem. Obtida de: <https://www.andresilvamamao.substack.com/p/bebes-reborn-limites-e-a-solidao>. Acesso em: 29 Mai 2025, 20:44:00.

Em sua obra “**A Sociedade do Cansaço**” e, mais diretamente, em “**A Sociedade da Transparência**” e “**No Enxame: Perspectivas do Digital**”, o autor em epígrafe, discorre sobre o colapso dos vínculos humanos na era do hiper individualismo e da mercantilização do afeto.

Byung-Chul Han argumenta que “o neoliberalismo transformou as relações humanas em relações de desempenho e consumo. A solidão, nesse contexto, não decorre da falta de pessoas ao redor, mas da falência da alteridade — do outro enquanto diferente, enquanto desafio”. É aí que entra o **“mercado da solidão”**: produtos são oferecidos como paliativos para o vazio de relações verdadeiras.

A lógica do bebê ‘reborn’, portanto, se encaixa nesse raciocínio: trata-se de um “outro controlável”, um afeto sem risco, uma presença sem demanda recíproca. Ele é o companheiro perfeito para uma subjetividade cansada, que não suporta mais a imprevisibilidade e o esforço das relações autênticas.

Os bebês ‘reborn’ revelam algo cada vez mais grave neste século XXI — e que se acelerou de forma avassaladora nos últimos 10 ou 15 anos: a solidão contemporânea causada pelo avanço frenético das redes sociais, a perda de identidade individual e a substituição do contato humano por simulacros.

O resultado é que a gente vai se afastando da realidade sem nem perceber. Um estudo da ‘Mozilla’ apontou que mais de 70% do conteúdo assistido no ‘YouTube’ vem das recomendações automáticas — ou seja, nem escolhemos mais o que queremos, o algoritmo escolhe por nós. E o problema não é só o que a gente consome, mas o quanto isso nos isola.

Uma pesquisa da Organização Mundial da Saúde (OMS) mostra que a solidão já é considerada uma “ameaça global à saúde”, com impactos comparáveis aos do tabagismo ou sedentarismo. E isso não é metáfora: a solidão prolongada aumenta em até 29% o risco de doenças cardíacas, e em 32% o risco de Acidente Vascular Cerebral (AVC).

O ‘marketing’ se apossou das redes e transformou tudo em produto — inclusive as pessoas. Saímos de comunidades com senso de identidade para um culto a influenciadores de vidas plastificadas e inatingíveis. A consequência é trágica: o ser humano real se tornou solitário, despersonalizado e cada vez mais distante de relações humanas genuínas.

Os bebês ‘reborn’ simbolizam essa fragilidade coletiva. Mostram o quanto a sociedade perdeu o senso de pertencimento. São quase como rachaduras em uma falha de San Andreas emocional entre a humanidade e os problemas mentais sérios — muitas vezes irreversíveis — que vivemos.

Pessoas estão perdendo o controle, buscando refúgio em objetos que simulam a presença de alguém, mas que não exigem afeto recíproco, contradições ou imperfeições.

Só pra se ter uma ideia: entre 2020 e 2023, o mercado de ‘reborns’ cresceu mais de 300%. Atualmente, tem boneco custando 50 mil reais. E em paralelo, metade da população brasileira relatou solidão frequente durante a pandemia, segundo a British Broadcasting Corporation (BBC) – Corporação Britânica de Radiodifusão. Não é coincidência. É sintoma.

Em um mundo onde as conexões se tornaram mais rápidas e menos profundas, a solidão deixou de ser apenas uma condição humana e passou a ser uma oportunidade de negócio. Não mais combatida por laços autênticos, ela é agora explorada por mercados que prometem preencher ausências com produtos. E entre os mais emblemáticos símbolos dessa transformação está o bebê ‘reborn’ — uma boneca que simula não apenas a forma, mas o afeto de um recém-nascido.

O que antes era íntimo, subjetivo, agora se empacota e se vende. A dor da perda, o vazio da maternidade não vivida ou interrompida, a necessidade de vínculo afetivo — tudo isso se transforma em nicho de mercado. Não se vende mais apenas brinquedos: vende-se consolo, companhia, sentido. E se o sofrimento não tem rosto, o capitalismo providencia um de vinil.

E não para por aí: já existem também adultos ‘reborn’, inclusive com fins sexuais e amorosos. O contato humano, com toda sua complexidade e beleza imperfeita, está sendo substituído por bonecos — literalmente. Criaturas moldadas à imagem do desejo de alguém, onde tudo é perfeito, manso, submisso, controlado. Isso dissocia o indivíduo da realidade. A vida real exige troca, exige frustração, exige conflito. Nenhuma pessoa nos agradará 100%. Nem nós mesmos nos agradamos 100%.



Foto: Foto: Bebês Reborn, Limites e a Solidão Contemporânea - Bebês de Silicone: Consolo ou Sintoma de Colapso Social? – 2ª Imagem da reportagem. Obtida de: <https://www.andresilvamamao.substack.com/p/bebes-reborn-limites-e-a-solidao>. Acesso em: 29 Mai 2025, 21:13:00.

Mas o que vemos hoje é um processo de desumanização do indivíduo. A substituição do outro por um ideal inofensivo. Um capítulo melancólico, aterrorizante e profundamente sintomático do capitalismo digital do século XXI.

Esse “mercado da solidão” lucra com o que falta. Ele não cura, mas alivia. Não transforma, mas acomoda. Ele substitui o afeto real pelo afeto performático. Há quem veja nisso uma solução, há quem enxergue um sintoma. O que é certo é que, ao acolher bonecas como filhos, não estamos apenas brincando de casinha — estamos revelando o descompasso entre nossas necessidades emocionais e a capacidade da sociedade de acolhê-las.

O bebê ‘reborn’, nesse cenário, deixa de ser um objeto estranho e se torna um espelho: reflete a carência de toque, de escuta, de presença. E ao mesmo tempo em que denuncia o abandono silencioso, também escancara nossa criatividade desesperada para sobreviver ao mundo desabitado de afetos.

Em vez de pontes, temos produtos. Em vez de encontros, temos entregas. Em vez de colo, temos comércio. Eis o “mercado da solidão”: uma prateleira bem iluminada onde repousam, imperturbáveis, os afetos que não soubemos nutrir — mas que agora podemos parcelar em doze vezes sem juros.

Registre-se aqui uma seleção complementar de pensamentos filosóficos e sociológicos que abordam o “mercado da solidão”, ampliando o olhar sobre a questão dos bebês ‘reborn’ e a mercantilização dos afetos:

🧠 Zygmunt Bauman, em “**Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**”, argumenta que, na modernidade líquida, os relacionamentos tornaram-se frágeis, descartáveis e consumíveis, enquanto “**As relações humanas estão se tornando cada vez mais redes de conexões frágeis e temporárias, mais parecidas com produtos prontos para o uso do que com compromissos profundos.**”

E acrescenta afirmando que “as pessoas preferem vínculos leves, fáceis de desfazer, que não impliquem obrigações ou exposição emocional. O bebê ‘reborn’ surge como uma representação desse afeto plastificado, onde não há conflito, reciprocidade ou frustração — apenas a ilusão do vínculo”.

---

 **Eva Illouz**, em “*O Amor nos Tempos do Capitalismo*”, investiga como o capitalismo moldou as emoções e os relacionamentos, transformando o amor em uma prática guiada por estratégias de mercado, sendo que “**A cultura do consumo introduziu novas formas de lidar com a dor emocional, oferecendo soluções pré-fabricadas para o sofrimento amoroso.**”

Nesse sentido, a solidão é rentável: gera consumidores em busca de consolo, cuidado, sentido. Os bebês ‘reborn’, e tantos outros produtos similares, são alívios simbólicos à mercantilização da dor — amor em forma de produto, luto transformado em fetiche.

---

 **Gilles Lipovetsky**, em “*A Era do Vazio: Ensaios sobre o Individualismo Contemporâneo*”, descreve uma sociedade marcada pela busca incessante de satisfação pessoal e consumo emocional, de forma que “**A cultura do hiper individualismo substituiu o coletivo por experiências privadas e íntimas, onde a mercadoria torna-se um substituto das relações sociais.**”

Ele antecipa um cenário onde “o indivíduo, atomizado, cria universos particulares para compensar a ausência de vínculos coletivos e duradouros”.

É nesse cenário que produtos como os bebês ‘reborn’ encontram terreno fértil: prometem um afeto sem riscos, um conforto silencioso diante do desamparo afetivo generalizado.

---

## Testemunhos e Realidades

Na superfície, os testemunhos sobre bebês ‘reborn’ revelam histórias emocionadas: mães que perderam filhos e encontram consolo; mulheres que não puderam gerar vida e acolhem o simulacro com o afeto de um útero simbólico; colecionadoras que cultivam a estética do realismo como expressão artística. Mas sob essa camada de afeto narrado, pulsa uma realidade que merece escrutínio filosófico: o uso de réplicas humanas como paliativo afetivo é o espelho de uma sociedade que desaprendeu a elaborar a perda.

A filosofia, desde Platão, já alertava para os riscos do simulacro. Na “*República*”, o filósofo grego denunciava as imagens como imitações empobrecidas da realidade, capazes de enganar os sentidos e alienar a alma.

Os bebês ‘reborn’, com sua aparência verossímil e seu toque cuidadosamente elaborado, não são apenas bonecas hiper-realistas: são, na prática, representações do irrepresentável — o luto, a ausência, o afeto interrompido.

A mãe que embala o bebê ‘reborn’ em silêncio pode estar, sem o saber, rejeitando o trabalho do tempo e da dor, oferecendo ao vazio uma imagem reconfortante, porém imóvel.

Jean Baudrillard, pensador do simulacro moderno, teria visto nos bebês ‘reborn’ o ápice da hiper-realidade: aquilo que simula tão bem que dispensa o real. Ele escreveu: “**O simulacro não é o que oculta o real, é o que o substitui.**” (*Simulacros e Simulação*, 1981)

Neste ponto, o testemunho sincero de consolo se entrelaça com uma tragédia contemporânea: a impossibilidade de aceitar o inaceitável. A cultura que nos ensinou a medicar a dor e evitar o sofrimento agora cria objetos emocionais que camuflam a ausência e oferecem companhia sem reciprocidade.

Por outro lado, cabe cautela. Esses testemunhos não devem ser ridicularizados ou ignorados — são expressão legítima de uma dor que encontra pouca escuta.

Na solidão das grandes cidades, no anonimato das redes sociais, na frieza dos vínculos líquidos, o bebê ‘reborn’ surge como aquilo que não abandona, não exige, não confronta. Ele é colo garantido. Mas a que custo?

A realidade que se constrói em torno desses testemunhos é híbrida: há conforto, sim; mas também há fuga, recusa da alteridade, mercantilização da maternidade, substituição simbólica do humano por um artefato. E nisso reside o perigo: se o outro se torna insuportável, talvez estejamos nos tornando incapazes de viver com o humano em sua condição mais autêntica — frágil, imprevisível e mortal.

Em suma, os testemunhos sobre bebês ‘reborn’ dizem muito mais do que parecem. Eles falam de uma civilização que idolatra a permanência e teme a perda, que substitui a dor pela estética e troca o real pelo ideal.

Um bebê ‘reborn’ pode ser uma tábua de salvação emocional — mas não deixa de ser, também, um sintoma.

---

**“Disputa por boneca ‘reborn’ envolve ex-casal e levanta debate jurídico sobre limites do direito.”**



**O fato** - Um ex-casal do Rio Grande do Sul está disputando na Justiça a guarda de uma boneca ‘reborn’, modelo hiper-realista com aparência de bebê. A mulher alega ter recebido a boneca como presente do ex-companheiro, enquanto ele afirma que era apenas um empréstimo.



**Contexto** - O caso inusitado acendeu um debate jurídico sobre os limites da tutela judicial: até que ponto o Judiciário deve se envolver em disputas sobre bens simbólicos, especialmente em relações marcadas por afeto e conflito? Juristas se dividem sobre o alcance do direito civil nesse tipo de questão. A decisão judicial pode abrir precedente sobre objetos com valor emocional elevado.



Foto: Uendel Galter/ Ag. A TARDE

---

**A notícia** - Uma situação inusitada registrada em Goiânia está chamando atenção nas redes sociais e entre especialistas em Direito: um ex-casal buscou auxílio jurídico para definir quem teria direito de ficar com uma boneca 'reborn', modelo ultrarrealista que imita bebês.

A advogada digital Suzana Ferreira foi procurada por uma mulher que desejava ingressar na Justiça com um pedido formal de guarda da boneca após o fim do relacionamento. A informação é do site [Metrópoles](#). Segundo a cliente, a "figura fazia parte da estrutura familiar construída com o ex-companheiro, que também demonstrava forte apego emocional ao objeto".

Embora tenha se recusado a levar o caso adiante, por considerar juridicamente inviável atribuir direitos de guarda a um item inanimado, Suzana compartilhou a experiência em vídeo publicado nas redes sociais, onde o episódio rapidamente viralizou: **"Eu não consegui manter o distanciamento profissional no momento do atendimento"**. Logo depois, **refletiu sobre os desdobramentos legais da situação**.

### **Rede social e monetização**

Além do vínculo afetivo, a disputa se estendia à esfera digital. A boneca, segundo relato da cliente, possuía uma conta no Instagram que já vinha gerando receita por meio de publicidade. O ex-companheiro também queria participar da administração da página.

Diante disso, a advogada se mostrou disposta a oferecer suporte jurídico apenas em relação ao perfil na rede social, esse sim, um ativo de valor econômico e passível de regulamentação.

**"A disputa pelo Instagram é um tema legítimo dentro do direito digital"**, avaliou Suzana.

Diante de pedidos cada vez mais inusitados — como guarda, pensão ou divisão de custeios de bonecas —, cresce também o debate sobre até onde o sistema jurídico deve se adaptar às transformações culturais.

Com isso, os conflitos envolvendo esses objetos se tornaram mais frequentes, ao ponto de projetos de lei começarem a surgir no Brasil para regulamentar aspectos da prática.

## Reflexos no Judiciário

A advogada que trouxe o caso à tona alertou para o desafio crescente que essas novas formas de relação com objetos podem representar ao Judiciário: **"O modo como a sociedade expressa afeto está mudando, e isso traz consequências diretas para o exercício do Direito".**

### Fonte:

**Redação Brasil Paralelo.** Disputa por boneca 'reborn' envolve ex-casal e levanta debate jurídico sobre limites do Direito. Boneca 'reborn' em Goiânia expõe dilemas jurídicos e emocionais da era digital, com disputas por afeto, patrimônio e redes sociais. Brasil Paralelo - Polêmicas.

Disponível em: [https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/disputa-por-boneca-'reborn'-envolve-ex-casal-e-levanta-debate-juridico-sobre-limites-do-direito?insEmail=1&insNltCmpId=22399&insNltSldt=10080&insPnName=brasilparalelo&isIns=1&isInsNltCmp=1&utm\\_campaign=EM183](https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/disputa-por-boneca-'reborn'-envolve-ex-casal-e-levanta-debate-juridico-sobre-limites-do-direito?insEmail=1&insNltCmpId=22399&insNltSldt=10080&insPnName=brasilparalelo&isIns=1&isInsNltCmp=1&utm_campaign=EM183) - Publicado em: 16 Mai 2025. Acesso em: 28 Mai 2025, 11:32:00.

---

Mulher vai à Justiça por ter licença-maternidade de bebê reborn negada. Ação solicita o pagamento de R\$ 40 mil. A mulher é funcionária de uma empresa do ramo imobiliário desde 2020.

Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/mulher-vai-a-justica-por-ter-licenca-maternidade-de-bebe-reborn-negada>. Acesso em: 29 Mai 2025, 21:24:00.

"A Justiça do Trabalho da Bahia recebeu um pedido de indenização por danos morais protocolado por uma trabalhadora de Salvador, após ter seu pedido de licença-maternidade e recebimento do salário-família para a sua boneca de silicone, popularmente conhecida como bebê 'reborn', negado pela empresa, do ramo imobiliário, em que trabalha como recepcionista. O valor da ação é de R\$ 40 mil, incluindo o pedido de demissão indireta. A ação foi ajuizada nessa terça-feira (27/5/2025), no Tribunal Regional do Trabalho da 5ª Região (TRT-5)."

---

## **Reflexos no Legislativo**

A Câmara Municipal do Rio de Janeiro aprovou, uma data comemorativa chamada “**Dia da Cegonha ‘reborn’**”, prevista para 4 de setembro, destacando o ‘caráter simbólico e afetivo das bonecas’; isso aconteceu em 8 de maio de 2025, através do projeto de lei 1.892 de 2023 e certamente os legisladores municipais tiveram influência, principalmente, voltada ao proselitismo, buscando formar volume no lastro eleitoral, provavelmente sem avaliar as questões abordadas anteriormente.

Fonte: Poder360, conforme a Lei nº 9.610/98. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poder-brasil/dia-da-cegonha-reborn-pode-virar-lei-no-rio/>. Acesso em: 29 Mai 2025, 20:48:00.

---

Em Minas Gerais, **um deputado estadual protocolou uma proposta que proíbe o atendimento a bonecas ‘reborn’ em unidades de saúde, após um episódio em que uma mulher tentou levar a sua ‘filha’ ‘reborn’ para ser examinada por médicos.**

Fonte: Deputado de MG quer proibir atendimento a bonecas 'reborn' no SUS. Disponível em: <[www.em.com.br/politica/2025/05/7147335-deputado-de-mg-quer-proibir-atendimento-a-bonecas-reborn-no-sus.html](http://www.em.com.br/politica/2025/05/7147335-deputado-de-mg-quer-proibir-atendimento-a-bonecas-reborn-no-sus.html)>. Acesso em: 29 Mai 2025, 20:50:00.

---

## Capítulo 7 – A Poética da Perda e o Luto Negado

- O drama poético da perda
- A negação ao luto

### Epígrafe:

***"O luto não é um problema a ser resolvido. É um amor que não tem mais onde ir."***

— Jamie Anderson



Foto: Como Criar uma Certidão de Nascimento para Bebê Reborn. Disponível em: <https://www.bonequinhareborn.com.br/cuidados-bebe-reborn/como-criar-uma-certidao-de-nascimento-para-bebe-reborn/>. Acesso em: 29 Mai 2025, 21:34:00.

A perda tem uma gramática própria.

Silenciosa, pesada, cheia de reticências.

Ela não pede licença. Chega sem aviso e se senta à mesa — ocupa o quarto, mexe nos álbuns, sabota aniversários. A ausência, ao contrário do que se pensa, não é o nada. É um tudo que se deslocou. Um eco do que fomos, uma sobra do que sonhamos.

Mas o luto, esse processo tão íntimo e necessário, passou a ser evitado.

Vivemos numa cultura da produtividade emocional. ‘Superar’ virou verbo obrigatório. Chorar em público é quase um delito. A dor precisa ser breve, limpa, silenciosa. O que não é estético, é evitado.

E é aqui que entra o bebê ‘reborn’ — não como boneco, mas como símbolo.

Para muitos, ele representa um colo que não se teve, um filho que não nasceu, um tempo que não voltou. É o relicário daquilo que a vida levou. Mas em vez de permitirmos que a dor fale, oferecemos a ela um substituto. Em vez de elaborar a perda, fabricamos sua imagem.

É poético, sim. Mas também é perigoso.

Porque o luto não vivido vira doença. O choro engolido vira pedra. O silêncio sem escuta vira grito no corpo. A tentativa de eternizar o que se foi pode se transformar numa prisão — onde não há saída, porque não há fim.

Os ‘reborn’, nesse contexto, não são vilões. São tentativas humanas, compreensíveis, de lidar com a brutalidade do adeus. Mas toda tentativa de cura precisa passar pelo reconhecimento da ferida. E toda homenagem só é verdadeira quando aceita que o tempo não volta.



Foto: Bebê reborn: Onde termina o hobby e começa o problema. Disponível em:  
[www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2025/05/7148861-bebe-reborn-onde-termina-o-hobby-e-comeca-o-problema.html](http://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2025/05/7148861-bebe-reborn-onde-termina-o-hobby-e-comeca-o-problema.html). Acesso em: 29 Mai 2025, 21:40:00.

Há beleza no luto.

Há poesia na dor.

Há amor na despedida.

O que não há — e nunca haverá — é substituição.

---

## **Posfácio – Da Boneca ao Espelho: O Colo que Falta**

- Convite à reflexão crítica
- Uma nova crônica inédita

### **Epígrafe:**

***"O homem é o único animal que se reconhece no espelho e, ainda assim, prefere olhar para outro lugar."***

— Rubem Alves



Foto: Bebês reborn e o espelho da modernidade: entre o desejo que falta e o desejo que cria. Estamos olhando, talvez sem querer, para um espelho da nossa própria crise existencial contemporânea.

Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/debates/2025/5/18/bebs-reborn-espelho-da-modernidade-entre-desejo-que-falta-desejo-que-cria-179528.html>. Acesso em: 29 Mai 2025, 21:45:00.

Chegamos ao fim.

Mas, como em toda boa travessia, o final é também um retorno — não ao ponto de partida, mas a nós mesmos. Porque no centro dessa jornada pelos afetos plastificados, pelas dores camufladas e pelas carências convertidas em produto, o que encontramos não são bonecos. Somos nós. Nossos medos, nossas ausências, nossas tentativas de amar sem risco, de sofrer sem perder, de viver sem enfrentar o caos da vida real.

O bebê ‘reborn’, com seus cílios perfeitos, suas bochechas rosadas e sua imobilidade serena, não nos olha de volta. Mas nos revela.

É espelho: reflete um tempo em que o afeto se tornou objeto de consumo.

É metáfora: fala de uma humanidade exausta, que busca conforto na fantasia.

É alerta: nos lembra do quanto desaprendemos a conviver com a dor, com o outro, com a falta.

Mas também é pergunta.

Não: o que são os ‘reborn’?

Mas: **o que estamos buscando neles?**

Será que não queremos apenas voltar ao colo?

Ouvir de novo o som da ternura?

Ser amados sem condição?

Ou, quem sabe, recomeçar?

A resposta não está no vinil, nem na tinta, nem na pulseira de maternidade ‘fake’. Está em nós. E talvez, só talvez, esse incômodo que sentimos ao ver um ‘reborn’ tão real seja o lembrete de que o amor verdadeiro — aquele que respira, que chora, que nos atrasa e nos transforma — ainda é insubstituível.

Porque bonecos podem ser bonitos, mas só os vivos nos devolvem o espelho inteiro.

---

### O Colo que Falta

Talvez o grande paradoxo de nosso tempo seja este: quanto mais nos conectamos por telas e redes, mais nos desconectamos do toque, do gesto, do olhar presente. Os bebês ‘reborn’, com sua presença silenciosa e aparência terna, denunciam — sem palavras — um mundo que perdeu o colo. Não o colo físico apenas, mas o simbólico: o espaço da escuta, da presença real, do afeto humano que se constrói na reciprocidade e não na programação.

Esse ‘e-book’ não é uma condenação, tampouco um elogio fácil ao fenômeno dos bebês ‘reborn’. Ele é um convite. Um convite à reflexão sobre o vazio que preenche nossas relações, os simulacros que vestimos de ternura, e os afetos que, por vezes, terceirizamos para sobreviver.

Talvez o que falte não seja uma boneca mais realista, mas um abraço menos ausente. Um colo que não se compre, mas que se ofereça — imperfeito, humano, verdadeiro.

---

## **Posfácio**

Escrever sobre bebês ‘reborn’ é, no fundo, escrever sobre nós. Sobre as formas que criamos para não sofrer, para suportar o insuportável, para seguir apesar das dores. É também refletir sobre os limites da tecnologia no campo das emoções, sobre a medicalização da vida cotidiana, e sobre o desejo — cada vez mais intenso — de que tudo seja belo, fácil e controlável.

Neste percurso, percorremos filosofia, psicanálise, sociologia, estética, direito e testemunhos reais. Nenhuma dessas abordagens dá conta sozinha do fenômeno, mas todas juntas compõem um mosaico: o retrato de um tempo em que o humano busca desesperadamente o humano... mesmo que em vinil. E é aqui que encerramos — não com uma resposta, mas com uma inquietação.

O que nos tornamos quando começamos a amar aquilo que não pode amar de volta?

O que buscamos, afinal, quando apertamos contra o peito algo que não pulsa?

Entre bonecas de olhos fixos e berços vazios de alma, ergue-se uma questão que vai além da estética ou do modismo: o que fizemos do afeto?

A cultura do bebê ‘reborn’ é, em seu cerne, um grito abafado por ternura, uma resposta ensaiada à dor não elaborada. É uma tentativa de transformar perdas em posses, carência em conforto, abandono em enfeite. Mas como todo simulacro, permanece a ausência: o peso que não aquece, o olhar que não devolve, o vínculo que não cresce.

O colo que falta não se resolve com plástico, mas com presença. Não se preenche com silêncio modelado, mas com a palavra partilhada. O afeto verdadeiro não se encomenda; ele se constrói no entre — entre dois, entre corpos, entre mundos reais.

Que esta reflexão nos convide a revisitar o que é essencial, para que as carências não se travistam de soluções, e para que o humano continue sendo um lugar de encontro, não de substituição.

---

©®ÔNICA **1 0 8 6** - DA BONECA AO ESPELHO: O COLO QUE FALTA

Por "**Gugik - O Cronista dos Absurdos Cotidianos**".

Ela estava sentada no canto da sala, entre a poltrona herdada da avó e uma estante repleta de livros que ninguém lia mais. No colo, uma boneca. Não uma boneca qualquer, daquelas com olhos que abrem e fecham como se tivessem sono de plástico.

Era uma daquelas ditas 'reborn'. Renascida!

Como se fosse possível enganar o tempo e a carne com vinil e silicone.

Ali, entre suspiros e carícias delicadas, havia um simulacro de maternidade. Mas algo não encaixava. O colo era real, o gesto era afetuoso, mas o afeto — ah, o afeto — parecia ter sido terceirizado para uma fábrica.

Não se sabe ao certo quando começamos a trocar sentimentos por artefatos, talvez no mesmo instante em que passamos a falar com assistentes virtuais mais do que com os vizinhos.

M A S...

Naquela sala, o que mais doía não era a boneca, mas o espelho.

Sim, o espelho. Aquele no aparador, que refletia não só a imagem da mulher e sua boneca, mas todo um vazio que já não se escondia mais atrás de cortinas ou tapetes. O espelho que mostrava a tentativa humana — e talvez demasiadamente humana — de substituir ausências por objetos, perdas por réplicas, amor por estética.

A mulher sorriu para a boneca. O espelho, em silêncio, devolveu o sorriso com ironia. Crônica de uma era em que o colo virou vitrine e a dor foi plastificada.

Grato. Um grande e bem realista abraço (mesmo em modo expresso e remoto), extensivo à família. Professor Gugik & ChatGPT e família.

---

## Referências e Leituras Recomendadas

A seguir, apresento um “**Guia de Leitura e Referências sobre Bebê ‘Reborn’**”, com **referências bibliográficas, leituras acadêmicas e culturais recomendadas**, divididas por áreas temáticas que dialogam com o fenômeno:

**“Afetos Sintéticos e o Vazio das Relações Humanas - Entre o Colo e o Vazio: a Era do Afeto Plastificado”**

**Organizado por: Francisco José de Arimathea Gugik e ChatGPT (OpenAI)**

---



### 1. Psicologia, Psicanálise e Saúde Mental

Essas obras ajudam a compreender o uso de bonecos realistas em contextos de luto, maternidade simbólica e substituição afetiva.

- **Donald Winnicott** – O Brincar e a Realidade

A teoria do “objeto transicional” é essencial para entender o papel simbólico do bebê ‘reborn’.

- **Melanie Klein** – Inveja e Gratidão

Ajuda a compreender as projeções emocionais nos objetos substitutivos e a regressão infantil.

- **Elisabeth Kübler-Ross** – Sobre a Morte e o Morrer

Fundamental para compreender os mecanismos de luto e o uso de objetos para lidar com a perda.

- **Daniel Stern** – O Mundo Interpessoal do Bebê  
Aborda o desenvolvimento da ligação emocional mãe-bebê, tema correlato ao fascínio pelos ‘reborns’.
- 



## 2. Sociologia, Cultura e Contemporaneidade

Obras que ajudam a situar o fenômeno no contexto social, midiático e de consumo simbólico.

- **Zygmunt Bauman** – Amor Líquido  
Mostra como os vínculos contemporâneos se tornaram frágeis e descartáveis, favorecendo relações artificiais.
  - **Jean Baudrillard** – Simulacros e Simulação  
Teoria central sobre o simulacro e a hiper-realidade. Os ‘reborns’ são um caso típico.
  - **Gilles Lipovetsky** – A Era do Vazio  
Discute o narcisismo moderno, a estetização da vida cotidiana e a busca de sentido na superficialidade.
  - **Eva Illouz** – O Amor nos Tempos do Capitalismo  
Aborda como os sentimentos foram mercantilizados — essencial para pensar o “afeto plastificado”.
-

### 3. Bioética, Antropologia e Filosofia

Fontes que ajudam a refletir sobre os limites éticos e antropológicos da criação de artefatos “quase humanos”.

- **Peter Sloterdijk** – Regras para o Parque Humano

Discute o homem como espécie que se autoproduz, com implicações para artefatos como ‘reborns’.

- **Giorgio Agamben** – O Que Resta de Auschwitz

Aborda a “zona cinzenta” entre o humano e o inumano, que pode ser extrapolada ao tema dos simulacros.

- **Donna Haraway** – Manifesto Cyborg

Para pensar os híbridos entre tecnologia, humanidade e afeto.

- **David Le Breton** – Antropologia do Corpo e Modernidade

A relação do corpo com a identidade e os sentidos em tempos de artifícios.

---

### 4. Arte, Cultura ‘Pop’ e ‘Design’ de Bonecos

Inclui o universo dos artistas criadores de ‘reborns’, as técnicas utilizadas e os debates culturais em torno.

- **Elena Dorfman** – Still Lovers (Ainda Amantes - livro + exposição)

Um registro fotográfico e ensaístico sobre pessoas que se relacionam com bonecos realistas.

- **Linda F. Palmer** – The Baby Reborn Art: An Introduction to the Reborning World (Uma introdução ao universo das artistas que criam bebês ‘reborn’)
  - **Karen Saxby** – Dolls and Humans: The Blurring of Boundaries (Bonecas e Humanos: A Desfocagem dos Limites - artigo acadêmico). Reflete sobre como os ‘reborns’ embaralham a distinção entre o real e o artificial.
- 

## 5. Artigos e Teses Acadêmicas

Alguns podem ser encontrados em repositórios como Scielo, Google Scholar, Academia.edu ou universidades brasileiras.

- “**Bebês Reborn: uma etnografia virtual sobre o uso de bonecas hiper-realistas**” – TCC em Antropologia (UFSC)
  - “**O reborn como substituto simbólico: arte, mercado e terapia**” – Dissertação de Mestrado (PUC-SP)
  - “**O simulacro do afeto: um olhar psicanalítico sobre o vínculo com bonecas realistas**” – Revista Brasileira de Psicologia, v. 27, 2022.
-

## 6. Documentários e Reportagens

*The Reborn Doll Community (A Comunidade de Bonecas Renascidas)*, BBC (2020).

*Real Stories – My Fake Baby (Histórias Reais – Meu Bebê Falso)*, Channel 4 (2008).

Reportagens da Folha, BBC Brasil e El País sobre colecionadoras de bebês 'reborn' no Brasil.

---

## 7. Textos Complementares

"O mercado da solidão e a nova economia do afeto", artigo de opinião em El País Brasil (2023).

"Quando a boneca substitui o colo", ensaio publicado na Revista Cult (2022).

---

### Sugestões complementares para pesquisa:

- **Google Scholar**: ["bebê reborn" OU "reborn doll"]
  - **SciELO**: Pesquisar por “objeto transicional”, “simulacro”, “maternidade simbólica”
  - **Catálogos de bibliotecas** (como da UFMG, USP ou UFPR)
-

## BIBLIOGRAFIA

Ariès, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

Baudrillard, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Baudrillard, Jean. *A sociedade do consumo*. Lisboa: Edições 70, 2008.

Baudrillard, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

Bauman, Zygmunt. *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

Gorz, André. *Metamorfoses do Trabalho*. São Paulo: Loyola, 2004.

Sibilia, Paula. *O Show do Eu: A Intimidade como Espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Turkle, Sherry. *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other (Sozinhos e Juntos: Por que Esperamos Mais da Tecnologia e Menos Uns dos Outros.)*. Basic Books, 2011.

Winnicott, D. W. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

## **REFERÊNCIA ELETRÔNICA**

BORGES, Professor Renato. Jean Baudrillard e o Conceito de Hiperrealidade. Filosofia e Educação / Sociologia. Disponível em: <https://www.professorrenato.com/jean-baudrillard-e-o-conceito-de-hiperrealidade/>. Acesso em: 28 Mai 2025, 19:10:00.